

# Cada revolução é uma contribuição para o Marxismo

830412

## — Presidente Samora Machel na Conferência Internacional sobre Karl Marx

No decorrer da Conferência sobre Karl Marx, organizada pelo Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, o Presidente Samora Machel efectuou uma importante intervenção que foi acolhida pelos delegados e pela imprensa estrangeira com singular entusiasmo. O Presidente Samora Machel, que foi um dos primeiros oradores a fazer uso da palavra chefiava em Berlim uma delegação do Partido Frelimo.

Pela sua importância transcrevemos, na íntegra, a alocução do Presidente Samora Machel:

Queridos Camaradas,

Com profunda emoção, saudamos esta magna assembleia onde representantes das forças do progresso e do socialismo, de todos os continentes e povos, de todas as raças e nações, juntos celebram o centenário da morte de um dos filhos mais queridos da Humanidade, Karl Marx.

Poucos foram os homens e mulheres que acompanharam Marx a enterrar num cemitério londrino. Hoje a vida de milhares de milhões de homens é profundamente influenciada e transformada



O Presidente Samora Machel, rodeado por outros delegados à Conferência que decorreu no Palácio do Povo em Berlim

da contradição entre colonizados e colonizadores, entre explorados e exploradores. As formas reformistas de reivindicação nacionalista estavam excluídas, pela própria natureza do colonial-fascismo.

Não era possível a formação legal de organizações sociais moçambicanas e, por maioria de razão, de um partido nacionalista ou de um sindicato. Não era possível a hipótese de um diálogo com a potência colonial, conducente à autodeterminação e muito menos à independência.

A alternativa histórica para o nosso povo era o recurso à violência revolucionária para pôr termo à violência fascista. A tese marxista de fazer guerra à guerra para alcançar a paz demonstra, uma vez mais, a sua justeza.

Na formação da Frente de Libertação de Moçambique são essencialmente trabalhadores de plantações, camponeses pobres sujeitos ao trabalho forçado, quem constitui a base social da organização.

No processo de luta armada de libertação surgem as zonas libertadas. Tivemos que resolver, na prática, que poder implantar nas zonas. Com a produção de bens materiais, puseram-se com acuidade questões fundamentais. Tratava-se de saber a quem servia a luta, uma vez que antigos feudais e novos exploradores, aspirantes a burgueses, queiam implantar o seu poder sobre o povo.

Os conflitos vividos na Frente de Libertação no período de 1967-70, sobretudo, eram conflitos de classe.

Da solução correcta do conflito resultou um salto qualitativo operado pela revolução moçambicana. Uma vez mais a luta de classes demonstrou ser a causa dos avanços da História.

A criação das zonas libertadas tornava possível e actual a questão da propriedade e do poder e introduzia, no conteúdo da reivindicação da independência, a questão do regime social a ser edificado.

Foi assim lançado, no processo da luta de classes, no seio da Frente e das Zonas Libertadas, o germe do Partido marxista-leninista, da revolução socialista, do Estado de democracia popular.

Houve uma aceleração do processo revolucionário. Uma aceleração do processo em direcção ao socialismo, muito embora fosse fraca a dimensão da classe operária e a sua consciência de classe para si.

A situação de guerra agiu como grande catalisador que promoveu, graças ao trabalho político, a percepção dos objectivos reais do conflito. A consciência dos grandes sacrifícios exigidos criou na sociedade o sentimento de exigência de uma transformação radical das relações no seu seio.

A experiência acumulada da Humanidade na luta contra a exploração, sintetizada pelo marxismo, permitia ao movimento revolucionário moçambicano beneficiar-se dela e fazê-la sua. No processo também enriquecia o marxismo.

Nas condições de Moçambique, a prática revolucionária levou-nos a fazer triunfar a revolução socialista e desencadear o processo de construção do socialismo em circunstâncias de larga predominância do analfabetismo, fraca dimensão da classe operária e inexistência prévia de um Partido marxista-leninista. A luta dos trabalhadores moçambicanos, sob a direcção do núcleo de vanguarda gerado pela Frente de Libertação, permitiu encontrar as respostas justas a estes problemas.

Nesse sentido, embora a experiência revolucionária de cada povo seja específica, ela não se encontra à margem do pensamento marxista.

Caros Camaradas,

Esta descrição sintética de alguns traços principais da nossa experiência, apontou para algumas conclusões essenciais. Uma primeira conclusão refere-se à universalidade da luta de classes, da contradição como motor da História. Uma segunda, mostra o papel dirigente e determinante da ideologia da classe operária, na solução correcta dos conflitos prevaletentes na sociedade, na época actual.

Mesmo em países de fraca base industrial, como o nosso, o que afinal constitui até hoje a regra, é possível a revolução socialista.

Esta triunfou em Moçambique com a vitória da guerra popular de libertação. Triunfou no sentido atribuído por Lênine, como correlação de forças, como determinação em construir o socialismo, porque, com o apoio popular, os interesses e as ideias do proletariado se instalaram no poder.

O pensamento de Marx demonstra que é vital, decisiva, a resolução da questão de saber a quem pertence o poder, quem exerce o poder.

A ditadura do proletariado mantém-se tão actual como no tempo da Comuna. Dele depende a utilização do Estado no processo complexo e longo de transformação das relações sociais, na construção das bases materiais e científicas, na educação do homem. Esta utilização do Estado, a direcção geral da sociedade, exigem a organização de vanguarda dos trabalhadores em Partido, animado da ideologia científica do proletariado. Assim, no III Congresso realizado em 1977, nasceu o nosso Partido marxista-leninista, a partir da Frente.

Queridos Camaradas,

O internacionalismo, a unidade dos explorados da terra, é uma das constantes fundamentais do pensamento de Marx. Nos nossos dias, face à crescente agressividade do imperialismo, ele manifesta-se na necessidade da união cada vez maior entre os componentes do movimento revolucionário contemporâneo.

O internacionalismo da época actual assume uma dimensão

particular com a exigência da luta pela paz e contra a catástrofe nuclear.

Assistimos hoje a uma corrida desenfreada aos armamentos, vemos a insistência com que o imperialismo procura instalar as suas armas de destruição maciça em várias partes do mundo. Assistimos hoje ao apoio cada vez maior que o imperialismo presta às forças mais retrógradas da humanidade, aos regimes fascistas e nazis que oprimem, exploram e massacram as classes trabalhadoras.

Estas acções do imperialismo encontram uma resistência cada vez maior dos povos amantes da paz e do progresso, enfrenta a vontade inquebrantável dos trabalhadores de todo o mundo em as fazer fracassar.

Na luta pela paz, são as forças marxistas quem deve dirigir o combate da Humanidade pela sua sobrevivência. Em torno deste combate, tem-se realizado a mais larga frente.

Personalidades da ciência, da arte, da religião, organizações de todo o tipo, da juventude, das mulheres, igrejas, todos os homens honestos que amam a Humanidade, juntam-se às forças políticas que exigem a paz.

Saudamos neste sentido as iniciativas da Comissão Consultiva do Pacto de Varsóvia, que exprimem a vontade dos povos pela paz e contêm soluções realistas e justas para evitar a guerra generalizada e a catástrofe nuclear.

A luta pela paz tem que deter as causas da guerra.

A exploração imperialista e a existência de uma ordem económica internacional injusta, é a causa de guerra.

A política imperialista de desestabilização e agressão contra Estados que recusam a submissão ao imperialismo e enveredam pela via das transformações revolucionárias, é geradora de guerra. A chantagem económica, financeira e militar, as provocações contra estados socialistas na Europa, Ásia, América Latina e África, são geradoras de guerra.

A política belicista de Israel e da África do Sul, aliados privilegiados do imperialismo nas suas zonas, é geradora de guerra. O racismo, o «apartheid», o sionismo, a ocupação de territórios alheios, o expansionismo colonial, são geradores de guerra. As guerras locais, promovidas pelo imperialismo, podem provocar a guerra generalizada.

O regime de Pretória constitui, na África Austral, a causa de guerra que põe em perigo a paz na região. O regime nazi-fascista de Pretória ocupa partes do território da República Popular de Angola, coloniza a Namíbia, promove o banditismo armado em Moçambique, Angola, Zimbábue, Zâmbia e Lesoto. O regime do «apartheid» é gerador da situação de guerra que prevalece na África Austral e perigo iminente que pode provocar a guerra generalizada.

A independência de Moçambique foi a contribuição à luta pela paz dada pelo Povo Moçambicano. Hoje, associados a outros países da África Austral na cooperação económica regional, na acção comum para deter a ameaça real de guerra que já constitui

o regime do «apartheid», constituímos uma frente importante na luta pela paz.

É assim, também, que na luta pela paz, que passa necessariamente pela luta contra o «apartheid» e contra o colonialismo, o ANC e a SWAPO constituem os instrumentos privilegiados do movimento pela paz na África Austral.

Esta justa luta tem o apoio indefectível dos países socialistas, dos países da Linha da Frente, das forças democráticas progressistas, de todos os povos amantes da paz, da liberdade, do progresso.

A luta pela paz tem que assumir, como movimento popular, esta dimensão. Foi precisamente esta dimensão que Marx tornou universal no seu pensamento e acção.

Caros Camaradas,

Um século depois da morte de Marx, a causa do socialismo e do comunismo, deixou de ser um sonho para se tornar uma realidade que transforma o mundo. A vitalidade da ciência revolucionária, sistematizada por Marx, não pode ter melhor prova do que os próprios factos.

Os países socialistas afirmam-se e avançam. O balanço do socialismo é, no seu conjunto, um balanço de grandes sucessos. A experiência da revolução socialista, da construção socialista, é, no seu conjunto, um enriquecimento e alargamento contínuo de ensinamentos originais de Marx. Cada país e cada revolução traz uma nova contribuição ao desenvolvimento da nossa ciência, do nosso património.

Celebramos este centenário na R.D.A., uma Alemanha em que triunfou o socialismo. Uma Alemanha onde o homem trabalhador afirma continuamente a plenitude da sua inteligência, das suas energias, das suas capacidades, criando o bem-estar, o progresso e a felicidade. Uma Alemanha em que o internacionalismo militante faz da luta dos povos contra a exploração, a sua própria luta.

Saudamos, na pessoa do Camarada Erich Honnecker, Secretário-Geral do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, os trabalhadores — operários, camponeses, intelectuais revolucionários — que têm sabido transformar criadoramente as ideias geniais de Marx numa força material invencível, pelo triunfo do socialismo e da paz. Saudamos as classes trabalhadoras da R.D.A., que, dirigidas pelo seu Partido de vanguarda, souberam tão brilhantemente organizar esta assembleia dos representantes dos trabalhadores de todo o mundo, numa afirmação de que o pensamento de Karl Marx continua vivo, continua jovem e imortal.

Com as ideias de Marx, os povos do mundo triunfarão na sua justa luta pela paz, pelo progresso, pelo socialismo.

A Luta Continua!  
A Revolução Vencerá!  
O Socialismo Triunfará!



Na Conferência Internacional sobre Karl Marx, estão presentes mais de 140 delegações de todo o mundo. Na sessão de Abertura Erich Honnecker, sublinhou que a prioridade nos debates deve ser conduzida para a procura de soluções para alcançar a paz e o progresso social